

UCLA DEPARTMENT OF SPANISH AND PORTUGUESE
PORT 290: WAY-OUT AND MULTI-TONGUED ESSAYS ON POETS FROM THE AMERICAS
PROFESSOR PATRÍCIA LINO

***DUENDES POUSADOS
SOBRE OS OMBROS
DOS GIGANTES***

MINI-ANTOLOGIA II

Dicebat Bernardus Carnotensis nos esse **quasi nanos, gigantium humeris insidentes**, ut possimus plura eis et remotiora videre, non utique proprii visus acumine, aut eminentia corporis, sed quia in altum subvenimur et extollimur magnitudine gigantea.

*Bernard de Chartres costumava comparar-nos a **duendes pousados sobre os ombros dos gigantes**. Também disse que nós vemos mais que os nossos antepassados; não porque temos uma visão mais alargada ou uma altura maior, mas porque somos erguidos e carregados até ao céu pela sua magnífica grandeza.*

John of Salisbury. *Metalogicon*. Tradução de Patrícia Lino. 1159.

Não leio mais, não posso, que este tempo
a mim distribuído
cai do ramo e azuleja o chão varrido,
chão tão limpo de ambição
que minha só leitura é ler o chão.
Nem sequer li os textos das pirâmides
os textos dos sarcófagos,
estou atrasadíssimo nos gregos,
não conheço os Anais de Assurbanipal,
como é que vou -
mancebos,
senhoritas,
-chegar à poesia de vanguarda
e às glórias do 2.000, que telefonam?

Carlos Drummond de Andrade. “Apelo a meus dessemelhantes em favor da paz”. 1973.

Tradition means...generations of different poets in different countries patiently telling the same story, writing the same poem, gaining and losing something with each transformation—but, of course, never really losing anything....

Invention is merely the enemy of poetry.

See how weak prose is. I invent a word like invention....

Prose invents—poetry discloses.

Jack Spicer. Letter to Federico García Lorca. *After Lorca*. 1957.

a) Recriações do Mundo Antigo

φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν
ἔμμεν' ὄνηρ, ὅττις ἐνάντιός τοι
ἰσδάνει καὶ πλάσιον ἄδου φωνεί-
σας ὑπακούει

καὶ γελαίσας ἰμέροεν, τό μ' ἦ μὴν
καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·
ὥς γὰρ ἔς σ' ἴδω βρόχε', ὥς με φώναι-
σ' οὐδ' ἐν ἔτ' εἴκει,

ἀλλὰ καὶ μὲν γλῶσσά <μ'> ἔαγε, λέπτον
δ' αὐτίκα χρῶ πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,
ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημ', ἐπιρρόμ-
βεισι δ' ἄκουαι,

καὶ δέ μ' ἴδρως κακχέεται, τρόμος δὲ
παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας
ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω ἵπιδευῆς
φαίνομ' ἔμ' αὐτῆα.

ἀλλὰ πᾶν τολματόν, ἐπεὶ καὶ πένητα.

Ele me parece ser par dos deuses,
O homem que se senta perante ti
E se inclina perto pra ouvir tua doce
Voz e teu riso

Pleno de desejo. Ah, isso, sim,
Faz meu coração 'stremecer no peito.
Pois tão logo vejo teu rosto, a voz
Perco de todo.

Parte-se-me a língua. Um fogo leve
Me percorre inteira por sob a pele.
Com os olhos nada mais vejo. Zumbem
Alto os ouvidos.

Verto-me em suor. Um tremor me toma
Por completo. Mais do que a relva estou
Verde e para a morte não falta muito
É o que parece.

Mas tudo se pode suportar, posto que
mesmo a um pobre.

Safo. Fr. 31. Trad.: de Lucas J. d'Alvarenga.

Ille mi par esse deo videtur,
ille, si fas est, superare divos,
qui sedens adversus identidem te
spectat et audit

dulce ridentem, misero quod omnes
eripit sensus mihi: nam simul te,
Lesbia, aspexi, nihil est super mi
vocis in ore,

lingua sed torpet, tenuis sub artus
flamma demanat, sonitu suo pte
tintinant aures, gemina teguntur
lumina nocte.

otium, Catulle, tibi molestum est:
otio exultas nimiumque gestis:
otium et reges prius et beatas
perdidit urbes.

Ele parece-me ser par de um deus,
ele, se é fás dizer, supera os deuses,
esse que todo atento o tempo todo
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou
(de voz na boca)

mas torpece-me a língua e leve os membros
uma chama percorre e de seu som
os ouvidos tintinam, gêmea noite
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.
No ócio tu exultas, tu vibras demais.
O ócio já reis e já ricas cidades
antes perdeu.

Catulo. Fr. 51. Trad.: de Lucas J. d'Alvarenga.

Equal to Jove that youth must be —
Greater than Jove he seems to me —
Who, free from Jealousy's alarms,
Securely views thy matchless charms.
Ah! Lesbia! though 'tis death to me,
I cannot choose but look on thee;
But, at the sight, my senses fly,
I needs must gaze, but, gazing, die;
Whilst trembling with a thousand fears,
Parch'd to the throat my tongue adheres,
My pulse beats quick, my breath heaves short,
My limbs deny their slight support;
Cold dews my pallid face o'erspread,
With deadly languor droops my head,
My ears with tingling echoes ring,
And life itself is on the wing,
My eyes refuse the cheering light,
Their orbs are veil'd in starless night:
Such pangs my nature sinks beneath,
And feels a temporary death.

Lord Byron. Recreation of Catullus' 51. 1823.

That man is peer of the gods, who
face to face sits listening
to your sweet speech and lovely
laughter.

It is this that rouses a tumult
in my breast. At mere sight of you
my voice falters, my tongue
is broken.

Straightway, a delicate fire runs in
my limbs; my eyes
are blinded and my ears
thunder.

Sweat pours out: a trembling hunts
me down. I grow
paler than grass and lack little
of dying.

William Carlos Williams. *The Collected Poems of William Carlos Williams.* 2001. [1958].

He seems to me equal to the gods that man
whoever he is who opposite you
sits and listens close
 to your sweet speaking
and lovely laughing – oh it
puts the heart in my chest on wings
for when I look at you, even a moment, no speaking
 is left in me
no: tongue breaks and thin
fire is racing under skin
and in eyes no sight and drumming
 fills ears
and cold sweat holds me and shaking
grips me all, greener than grass
I am and dead – or almost
 I seem to me.

Anne Carson. *Eros the Bittersweet*. 1986.

Edipo

Ella abrazó al hijo y lo recibió nuevamente
dentro de su cuerpo. Sabían.
En el amor tan sabios
no hubo jamás.
El anhelo febril la cegura y los gritos
que ocultaron al pueblo, a su pastor,
la imagen de la callada amante
maniatada entre besos,
de su propio rostro de cintura,
dulcemente enredado
en el cabello y venas de la madre.

Susana Thénon. *De Lugares Extraños*. 1967.

Laberinto

No habrá nunca una puerta. Estás adentro
y el alcázar abarca el universo
y no tiene ni anverso ni reverso
ni externo muro ni secreto centro.

No esperes que el rigor de tu camino
que tercamente se bifurca en otro,
que tercamente se bifurca en otro,
tendrá fin. Es de hierro tu destino

como tu juez. No aguardes la embestida
del toro que es un hombre y cuya extraña
forma plural da horror a la maraña

de interminable piedra entretrejida.
No existe. Nada esperes. Ni siquiera
en el negro crepúsculo la fiera.

Jorge Luis Borges. *Obras Completas.* 1974. [1969].

Euridice

all the male poets write of Orpheus
as if they look back & expect
to find me walking patiently
behind them. they claim i fell into hell.
damn them, i say.
I stand in my own pain
& sing my own song.

Alta. Excerpt. *I Am Not a Practicing Angel: Poems.* 1975.

Hemos llegado a Ilión.
En sus praderas dibuja:
Nadie sabe que guardo dos cabezas,
recónditos parajes, una verde, Ilión, espuma seca otra.
He llegado acá de vuelta o en un sueño.
Solo el leguaje inventa este paraje, tampoco eso, una sorna,
un decir las palabras, entrelazarlas,
lanzar el híbrido entusiasmo.
Descubrir

*

¿Quién soy? ¿De dónde vengo? Soy Ulises, Electra,
soy la luna, el triunvirato, soy Perséfone perdida,
seis meses allá en sangre viva,
seiscientos siglos acá ya sin certeza.
Soy Perséfone Pérez, la errabunda mártir, la destreza,
la víctima victimizada, soy la cereza, la fruta.
El pavo real paseando las ciudades,
extinguida, distinguida visión en las paredes.

Magali Alabau. *Hemos llegado a Ilión.* 1992.

Sem que se diga

Sísifo empurrava sua pedra
Morro acima. E chegando no alto
A pedra rolava, a pedra
Rolava.

Semelhante é o destino das mulheres.
Sem que se diga “maldição”
Refazem camas.

Marina Colasanti. *Rota de colisão.* 1993.

Ἐρέω τε δηῦτε κοῦκ ἐρέω,
καὶ μαίνομαι κοῦ μαίνομαι.

E amo, de novo, e não amo
e enlouqueço e não enlouqueço.

Anacreonte. Fr. 428.

Ōdī et amō. Quārē id faciam fortasse requīris.
Nesciō, sed fierī sentiō et excrucior.

Catulo. Carmen 85.

Odeio e amo. Como assim?
Não sei: só sinto e me-torturo-me.

Décio Pignatari. *31 Poetas, 314 Poemas.* 2007.

Orpheus in Athens

The boy had never seen an honest man.
He looked among us every night he said.
He eyed each stranger like Diogenes
And took him with his lantern into bed.
He'd probe the stranger's body with that light
Search every corner of his flesh and bone
But truth was never there. He'd spend the night
Then leave him and resume his search alone.
I tried to tell him there was some mistake
That truth's a virtue only strangers lack.
But when he turned to face me with a kiss
I closed my lying heart against his lips.

Jack Spicer. *My Vocabulary Did This to Me*. 2008.

Penélope

Penélope (I)

O que o dia tece
a noite esquece.

O que o dia traça
a noite esgarça.

De dia, tramas,
de noite, traças.

De dia, sedas,
de noite, perdas.

De dia, malhas,
de noite, falhas

Penélope (II)

A trama do dia
na urdidura da noite

ou a trama da noite
na urdidura do dia

enquanto teço:
a fidelidade por um fio

Penélope (III)

De dia dedais.
Na noite ninguém

Penélope (IV)

E ela não disse
já não te pertencio
há muito entreguei meu coração ao sossego
enquanto seu coração balançava em viagem
enquanto eu me consumia
entre os panos da noite
você percorria distâncias insuspeitadas
corpos encantados de mulheres com cujas línguas
estranhas eu poderia tecer uma mortalha
da nossa língua comum.
E ela não disse
no início ainda pensei em você
primeiro como quem arde diante de uma fogueira
apenas extinta
depois como quem visita em lembrança a praia da infância
e então como quem recorda o amplo verão
e depois como quem esquece.
E ela também não disse
a solidão pode ter muitas formas,
tantas quantas são as terras estrangeiras,
e ela é sempre hospitaleira

Penélope (V)

A viagem pela espera
é sem retorno.
Quantas vezes a noite teceu a
mortalha do dia,
quantas vezes o dia
desteceu sua mortalha?
Quantas vezes ensaiei o retorno –
o rito dos risos,
espelho tenro, cabelos trançados,
casa salgada, coração veloz?
A espera é a flor que eu consigo.
Água do mar, vinho tinto – o mesmo copo

Penélope (VI)

E então se sentam
lado a lado
para que ela lhe narre
a odisseia da espera

Ana Martins Marques. *Vida Submarina*. 2009.

Eurydice

It's more like the sound
a doe makes
when the arrowhead
replaces the day
with an answer to the rib's
hollowed hum. We saw it coming
but kept walking through the hole
in the garden. Because the leaves
were bright green & the fire
only a pink brushstroke
in the distance. It's not
about the light—but how dark
it makes you depending
on where you stand.
Depending on where you stand
his name can appear like moonlight
shredded in a dead dog's fur.
His name changed when touched
by gravity. Gravity breaking
our kneecaps just to show us
the sky. We kept saying Yes—
even with all those birds.
Who would believe us
now? My voice cracking
like bones inside the radio.
Silly me. I thought love was real
& the body imaginary.
But here we are—standing
in the cold field, him calling
for the girl. The girl
beside him. Frosted grass
snapping beneath her hooves.

Ocean Vuong. *The Nation*. 2014.

Dia 20. Fadiga

/sozinha
penélope desfia
desafia
(abutres, o filho, a multidão)

mas os deuses aplaudem ulisses

Luiza Romão. *Sangria.* 2017.

Ganymede

A man trades his son for horses.
That's the version I prefer. I like
The safety of it, no one at fault,
Everyone rewarded. God gets
The boy. The boy becomes
Immortal. His father rides until
Grief sounds as good as the gallop
Of an animal born to carry those
Who patrol our inherited
Kingdom. When we look at myth
This way, nobody bothers saying
Rape. I mean, don't you want God
To want you? Don't you dream
Of someone with wings taking you
Up? And when the master comes
For our children, he smells
Like the men who own stables
In Heaven, that far terrain
Between Promise and Apology.
No one has to convince us.
The people of my country believe
We can't be hurt if we can be bought.

Jericho Brown. *The Tradition.* 2019.

Pygmalion

One expects a certain raggedness—
cracked and broken, bleeding in bad weather—
but clay has kept them clean, unlined and supple,
brushing the dust from the sheet
on which he makes his petition
begging the goddess relieve him of her blessing.
Cyprus sweats and sings through the window:
pigeons chasing boys who chased them,
women whispering the name he kisses
with a desiccating gesture: cool breath
through lips pursed like the papyrus
reed unrolled to hold the seething
sentiment she's cozened. Her fault:
the suppurating star his cock
keeps seeking, the tumid tit that taunts
the tongue he tucks behind the teeth
he clenches. Her fault: the penetrating
scent staining his thumb's
dumb hammer, witless peen he pressed
through beetled myrtle blossoms. He liked to feel
them give and pop, to watch
flame dissolve each busted cup,
kneeling in the temple as the priest
intoned the blessing. Mother of Desire,
wheedling goddess: what prayer salves
the sucking wound, slips a man
free from fervid orbit of the cunt's
collapsing star? What he'd asked
was what he could constrain: an alabaster
virgin's bashful glance, not this yielding
flesh flushed red with summer heat
and creased where she lay on a hem,
the line like the slip of his knife. Not the humid
breath that turns the chamber damp, the errant
hairs bristling her chin, her nipples
sprouting wire. Not the tongue
flopping boneless in the mouth
he had not carved. Something like a thought
unfurled behind her eyes, consciousness
bloomed like a dark drop of ink, then panic
when she had no words. What did she want
him to say. That when he was young

he saw a sparrow nicking fruit
and swallowing it whole? He still feels
the pit lodged in his throat, airless
terror swelled like a flag, still recoils
when hunger drives its chisel to the stone,
remembers tugging at his mother's skirts
then the humming lump he found
buried in her thigh. By summer she was
ashes mixed with sand where girls
tiptoe to the cliffs above the sea
and giggling cast their votives to the surf,
dreaming the goddess will bless
their burgeoning desire. Bitter the furrowed
shell that sheathes the seed, the flesh
in which the germ is lodged, the small
machine from which a murderous
appetite unwinds. What the surgeon cut from her
had hair and half a crooked smile.
Teratoma it was called, *monster-swelling*.
Camphor calling forth the blood.
In the streets the children shriek
finders-keepers and the sound
from the next room is fingernails on slate:
she is learning how to say his name.

Vanessa Stauffer. Poetry. 2020.

b) Recriações do Mundo Moderno

O "adeus" de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus
E amamos juntos E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala

E ela, corando, murmurou-me: "adeus."

Uma noite entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus
Era eu Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

Passaram tempos sec'los de delírio
Prazeres divinais gozos do Empíreo
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse - "Voltarei! descansa!..."
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

Quando voltei era o palácio em festa!
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquesta
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei! Ela me olhou branca surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Castro Alves. *Espumas Flutuantes*. 1913.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

Manuel Bandeira. *Libertinagem*. 1930.

Poema de sete faces

Quando eu nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é o meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia.* 1930.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável.
Eu sou.

Adélia Prado. *A Bagagem.* 1976.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,

mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse,
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...

Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade. *José*. 1942.

Drumundana

e agora maria?
o amor acabou
a filha casou
o filho mudou
teu homem foi pra vida
que tudo cria a fantasia
que você sonhou
apagou à luz do dia
e agora maria?
vai com as outras
vai viver com a hipocondria

Alice Ruiz. *Navalhanaliga*. 1980.

Snow White and the Seven Dwarfs

No matter what life you lead
the virgin is a lovely number:
cheeks as fragile as cigarette paper,
arms and legs made of Limoges,
lips like Vin Du Rhône,
rolling her china-blue doll eyes
open and shut.
Open to say,
Good Day Mama,
and shut for the thrust
of the unicorn.
She is unsoiled.
She is as white as a bonefish.

Once there was a lovely virgin
called Snow White.
Say she was thirteen.
Her stepmother,
a beauty in her own right,
though eaten, of course, by age,
would hear of no beauty surpassing her own.
Beauty is a simple passion,
but, oh my friends, in the end
you will dance the fire dance in iron shoes.
The stepmother had a mirror to which she referred~
something like the weather forecast~
a mirror that proclaimed
the one beauty of the land.
She would ask,
Looking glass upon the wall,
who is fairest of us all?
And the mirror would reply,
You are the fairest of us all.
Pride pumped in her like poison.

Suddenly one day the mirror replied,
Queen, you are full fair, 'tis true,
but Snow White is fairer than you.
Until that moment Snow White

had been no more important
than a dust mouse under the bed.
But now the queen saw brown spots on her hand
and four whiskers over her lip
so she condemned Snow White
to be hacked to death.
Bring me her heart, she said to the hunter,
and I will salt it and eat it.
The hunter, however, let his prisoner go
and brought a boar's heart back to the castle.
The queen chewed it up like a cube steak.
Now I am fairest, she said,
lapping her slim white fingers.

Snow White walked in the wildwood
for weeks and weeks.
At each turn there were twenty doorways
and at each stood a hungry wolf,
his tongue lolling out like a worm.
The birds called out lewdly,
talking like pink parrots,
and the snakes hung down in loops,
each a noose for her sweet white neck.
On the seventh week
she came to the seventh mountain
and there she found the dwarf house.
It was as droll as a honeymoon cottage
and completely equipped with
seven beds, seven chairs, seven forks
and seven chamber pots.
Snow White ate seven chicken livers
and lay down, at last, to sleep.

The dwarfs, those little hot dogs,
walked three times around Snow White,
the sleeping virgin. They were wise
and wattled like small czars.
Yes. It's a good omen,
they said, and will bring us luck.
They stood on tiptoes to watch
Snow White wake up. She told them

about the mirror and the killer-queen
and they asked her to stay and keep house.
Beware of your stepmother,
they said.
Soon she will know you are here.
While we are away in the mines
during the day, you must not
open the door.

Looking glass upon the wall . . .
The mirror told
and so the queen dressed herself in rags
and went out like a peddler to trap Snow White.
She went across seven mountains.
She came to the dwarf house
and Snow White opened the door
and bought a bit of lacing.
The queen fastened it tightly
around her bodice,
as tight as an Ace bandage,
so tight that Snow White swooned.
She lay on the floor, a plucked daisy.
When the dwarfs came home they undid the lace
and she revived miraculously.
She was as full of life as soda pop.
Beware of your stepmother,
they said.
She will try once more.

Looking glass upon the wall. . .
Once more the mirror told
and once more the queen dressed in rags
and once more Snow White opened the door.
This time she bought a poison comb,
a curved eight-inch scorpion,
and put it in her hair and swooned again.
The dwarfs returned and took out the comb
and she revived miraculously.
She opened her eyes as wide as Orphan Annie.
Beware, beware, they said,
but the mirror told,

the queen came,
Snow White, the dumb bunny,
opened the door
and she bit into a poison apple
and fell down for the final time.
When the dwarfs returned
they undid her bodice,
they looked for a comb,
but it did no good.
Though they washed her with wine
and rubbed her with butter
it was to no avail.
She lay as still as a gold piece.

The seven dwarfs could not bring themselves
to bury her in the black ground
so they made a glass coffin
and set it upon the seventh mountain
so that all who passed by
could peek in upon her beauty.
A prince came one June day
and would not budge.
He stayed so long his hair turned green
and still he would not leave.
The dwarfs took pity upon him
and gave him the glass Snow White-
its doll's eyes shut forever-
to keep in his far-off castle.
As the prince's men carried the coffin
they stumbled and dropped it
and the chunk of apple flew out
of her throat and she woke up miraculously.

And thus Snow White became the prince's bride.
The wicked queen was invited to the wedding feast
and when she arrived there were
red-hot iron shoes,
in the manner of red-hot roller skates,
clamped upon her feet.
First your toes will smoke
and then your heels will turn black

and you will fry upward like a frog,
she was told.
And so she danced until she was dead,
a subterranean figure,
her tongue flicking in and out
like a gas jet.
Meanwhile Snow White held court,
rolling her china-blue doll eyes open and shut
and sometimes referring to her mirror
as women do.

Anne Sexton. *The Complete Poems*. 1981.

“We all know the story of Helen of Troy, but few of us have followed her to Egypt.”

H.D.. *Helen in Egypt*. 1961.

Helen

All Greece hates
the still eyes in the white face,
the lustre as of olives
where she stands,
and the white hands.

All Greece reviles
the wan face when she smiles,
hating it deeper still
when it grows wan and white,
remembering past enchantments
and past ills.

Greece sees unmoved,
God's daughter, born of love,
the beauty of cool feet
and slenderest knees,
could love indeed the maid,

only if she were laid,
white ash amid funereal cypresses.

H.D.. *Collected Poems 1912-1944*. 1982.

na banheira com gertrude Stein

gertrude stein tem um bundão chega pra lá gertude
stein e quando ela chega pra lá faz um barulhão como
se alguém passasse um pano molhado na vidraça
enorme de um edifício público

gertrude stein daqui pra cá é você o paninho de lavar
atrás da orelha é todo seu daqui pra cá sou eu o patinho
de borracha é meu e assim ficamos satisfeitas

mas gertrude stein é cabotina acha graça em soltar pum
debaixo d'água eu hein gertrude stein? não é possível
que alguém goste tanto de fazer bolha

e aí como a banheira é dela ela puxa a rolha e me rouba
a toalha

e sai correndo pelada a bunda enorme descendo a
escada e ganhando as ruas de st.-germain-des-prés

Angélica Freitas. *Rilke Shake*. 2007.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*. 1930.

Quadrilha revisitada

Teresa quer comer
Raimundo quer comer
Lili alimenta
as esperanças dos dois.

Teresa seduz
Raimundo observa
Lili leva ambos
para sua casa.

Teresa se irrita com
Raimundo desconfia de
Lili leva ambos
para o quarto.

(na sala fica Joana Pinto Fernandes.)

Lili chama
Raimundo vai
Teresa está
nua.

Lili nunca antes com um
Raimundo com duas
Teresa com uma
mulher.

Teresa repudia
Raimundo assusta
Lili se arrepende
da idéia.

Teresa goza
Raimundo sai
Lili dorme
só.

(e Joana Pinto Fernandes é a única a saber.)

Dimitri BR. *Modo de Usar & Co.*, 2010.

Quadrilha irritada

Ricardo amava um filho-da-puta que amava Ricardo
até que outro filho-da-puta entrou na história
e como estão equivocadas a física e as estatísticas
e são os iguais que se atraem, não os opostos,
filho-da-puta e filho-da-puta
amaram-se mutuamente
e Ricardo ficou para tia
ou à espera do próximo filho-da-puta
a não ser que suas preces sejam atendidas
e todos os filhos-da-puta do mundo
morram de desastre.

Ricardo Domeneck. <https://www.youtube.com/watch?v=4-cwLsIyX4Q>. 2011.

[Musicado por Patrícia Lino e incluído na antologia *I Who Cannot Sing*:
<http://www.iwhocannotsing.com/album.html>. 2020.]

Quadrilha

Maria não amava João,
Apenas idolatrava seus pés escuros.
Quando João morreu,
assassinado pela PM,
Maria guardou todos os seus sapatos.

Livia Natália. *Correntezas e Outros Estudos Marinhos.* 2015.

Virilha

João era Teresa que era Raimundo
que era Maria que era Joaquim que era Lili
que não era ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para as estatísticas,
Raimundo morreu de pancada, Maria ficou para a fila,
Joaquim suicidou-se e Lili ainda é chamada de
J. Pinto Fernandes como toda essa gente que não entra na História.

Maria Isabel Iorio. *Cadernos do CEP.* 2017.

Dia 1. Nome completo

eu queria escrever a palavra br*+^%
a palavra br*+^% queria escrever eu
palavra eu br*+^% escrever queria
BRASIL
eu queria escrever a palavra brasil

aquela em nome da qual
tanto homem se faz bicho
tanto bandido general

aquela em nome de quem
a borracha vira bala

a perversidade qualidade de bem

aquela empunhado em canto
atestada em docs

que esconde pranto
mãe do dops

eu queria escrever a palavra brasil
mas a caneta
num ato de legítima revolta
feito quem se cansa

de narrar sempre a mesma trajetória
me disse "PARA
e VOLTA
pro começo da frase
do livro

da história
volta pra cabral e as cruzes lusitanas
e se pergunte
DA ONDE VEM ESSE NOME?"

palavra-mercadoria
brasil

PAU-BRASIL

o pau-branco hegemônico

enfiado à torto e à direto
suposto direito
de violar mulheres
o pau-a-pique
o pau-de-arara
o pau-de-araque
o pau-de-sebo
o pau-de-selfie
o pau-de-fogo
o pau-de-fita
O PAU
face e orgulho nacional

A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO
matas virgens
virgens mortas
A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO

pedro ejaculando-se
dom precoce
deodoro metendo a espada
entre as pernas
de uma princesa babel

costa e silva gemendo cinco vezes
AI AI AI AI AI

getúlio juscélino geisel
collor jânio sarney
a decisão parte da cabeça
do membro ereto
de quem é a favor da redução
mas vê vida num feto

é o pau-brasil
multiplicado trinta e três vezes
e enterrado numa só garota

olho pra caneta e tenho certeza
não escreverei mais o nome desse país
enquanto estupro for prática cotidiana
e o modelo de mulher
a mãe gentil

Luiza Romão. *Sangria.* 2017.

<https://youtu.be/d2F2UcuYPMY?si=LN5FJYwyWx8u-efl>

c) Otros

A Roosevelt

Es con voz de la Biblia, o verso de Walt Whitman,
que habría que llegar hasta ti, Cazador!
Primitivo y moderno, sencillo y complicado,
con un algo de Washington y cuatro de Nemrod.
Eres los Estados Unidos,
eres el futuro invasor
de la América ingenua que tiene sangre indígena,
que aún reza a Jesucristo y aún habla en español.

Eres soberbio y fuerte ejemplar de tu raza;
eres culto, eres hábil; te opones a Tolstoy.
Y domando caballos, o asesinando tigres,
eres un Alejandro-Nabucodonosor.
(Eres un profesor de energía,
como dicen los locos de hoy.)
Crees que la vida es incendio,
que el progreso es erupción;
en donde pones la bala
el porvenir pones.
No.

Los Estados Unidos son potentes y grandes.
Cuando ellos se estremecen hay un hondo temblor
que pasa por las vértebras enormes de los Andes.
Si clamáis, se oye como el rugir del león.
Ya Hugo a Grant le dijo: «Las estrellas son vuestras».
(Apenas brilla, alzándose, el argentino sol
y la estrella chilena se levanta...) Sois ricos.
Juntáis al culto de Hércules el culto de Mammón;
y alumbrando el camino de la fácil conquista,
la Libertad levanta su antorcha en Nueva York.

Mas la América nuestra, que tenía poetas
desde los viejos tiempos de Netzahualcoyotl,
que ha guardado las huellas de los pies del gran Baco,
que el alfabeto pánico en un tiempo aprendió;
que consultó los astros, que conoció la Atlántida,
cuyo nombre nos llega resonando en Platón,
que desde los remotos momentos de su vida

vive de luz, de fuego, de perfume, de amor,
la América del gran Moctezuma, del Inca,
la América fragante de Cristóbal Colón,
la América católica, la América española,
la América en que dijo el noble Guatemoc:
«Yo no estoy en un lecho de rosas»; esa América
que tiembla de huracanes y que vive de Amor,
hombres de ojos sajones y alma bárbara, vive.
Y sueña. Y ama, y vibra; y es la hija del Sol.
Tened cuidado. ¡Vive la América española!
Hay mil cachorros sueltos del León Español.
Se necesitaría, Roosevelt, ser Dios mismo,
el Riflero terrible y el fuerte Cazador,
para poder tenernos en vuestras férreas garras.

Y, pues contáis con todo, falta una cosa: ¡Dios!

Rubén Darío. *Cantos de Vida y Esperanza. Los Cisnes y Otros Poemas.* 1905.

La cabalgata

A don Carlos Silva Vildósola

Pasa por nuestra Tierra
la vieja Cabalgata,
partiéndose la noche
en una pulpa clara
y cayendo los montes
en el pecho del alba.

Con el vuelo remado
de los petreles pasa,
o en un silencio como
de antorcha sofocada.
Pasa en un dardo blanco
la eterna Cabalgata...

Pasa, única y legión,
en cuchillada blanca,
sobre la noche experta

de carne desvelada.
Pasa si no la ven,
y si la esperan, pasa.

Se leen las Eneidas,
se cuentan Ramayanas,
se llora el Viracocha
y se remonta al Maya,
y madura la vida
mientras su río pasa.

Las ciudades se secan
como piel de alimaña
y el bosque se nos dobla
como avena majada,
si olvida su camino
la vieja Cabalgata...

A veces por el aire
o por la gran llanada,
a veces por el tuétano
de Ceres subterránea,
a veces solamente
por las crestas del alma,
pasa, en caliente silbo,
la santa Cabalgata...

Como una vena abierta
desde las solfataras,
como un repecho de humo,
como un despeño de aguas,
pasa, cuando la noche
se rompe en pulpas claras.

Oír, oír, oír,
la noche como valva,
con ijar de lebre
o vista acornejada,
y temblar y ser fiel,
esperando hasta el alba.

La noche ahora es fina,
es estricta y delgada.
El cielo agudo punza

lo mismo que la daga
y aguija a los dormidos
la tensa Vía Láctea.

Se viene por la noche
como un comienzo de aria;
se allegan unas vivas
trabazones de alas.
Me da en la cara un alto
muro de marejada,
y saltan, como un hijo,
contentas, mis entrañas.

Soy vieja;
amé los héroes
y nunca vi su cara;
por hambre de su carne
yo he comido las fábulas.

Ahora despierto a un niño
y destapo su cara,
y lo saco desnudo
a la noche delgada,
y lo hondeo en el aire
mientras el río pasa,
porque lo tome y lleve
la vieja Cabalgata...

Gabriela Mistral. *Tala*. 1938.

Diving into the Wreck

First having read the book of myths,
and loaded the camera,
and checked the edge of the knife-blade,
I put on
the body-armor of black rubber
the absurd flippers
the grave and awkward mask.
I am having to do this
not like Cousteau with his
assiduous team
aboard the sun-flooded schooner

but here alone.

There is a ladder.
The ladder is always there
hanging innocently
close to the side of the schooner.
We know what it is for,
we who have used it.
Otherwise
it is a piece of maritime floss
some sundry equipment.

I go down.
Rung after rung and still
the oxygen immerses me
the blue light
the clear atoms
of our human air.
I go down.
My flippers cripple me,
I crawl like an insect down the ladder
and there is no one
to tell me when the ocean
will begin.

First the air is blue and then
it is bluer and then green and then
black I am blacking out and yet
my mask is powerful
it pumps my blood with power
the sea is another story
the sea is not a question of power
I have to learn alone
to turn my body without force
in the deep element.

And now: it is easy to forget
what I came for
among so many who have always
lived here
swaying their crenellated fans
between the reefs
and besides
you breathe differently down here.

I came to explore the wreck.
The words are purposes.
The words are maps.
I came to see the damage that was done
and the treasures that prevail.
I stroke the beam of my lamp
slowly along the flank
of something more permanent
than fish or weed

the thing I came for:
the wreck and not the story of the wreck
the thing itself and not the myth
the drowned face always staring
toward the sun
the evidence of damage
worn by salt and sway into this threadbare beauty
the ribs of the disaster
curving their assertion
among the tentative haunters.

This is the place.
And I am here, the mermaid whose dark hair
streams black, the merman in his armored body.
We circle silently
about the wreck
we dive into the hold.
I am she: I am he

whose drowned face sleeps with open eyes
whose breasts still bear the stress
whose silver, copper, vermeil cargo lies
obscurely inside barrels
half-wedged and left to rot
we are the half-destroyed instruments
that once held to a course
the water-eaten log
the fouled compass

We are, I am, you are
by cowardice or courage
the one who find our way
back to this scene
carrying a knife, a camera

a book of myths
in which
our names do not appear.

Adrienne Rich. *Diving into the Wreck.* 1973.

Eating Poetry

Ink runs from the corners of my mouth.
There is no happiness like mine.
I have been eating poetry.

The librarian does not believe what she sees.
Her eyes are sad
and she walks with her hands in her dress.
The poems are gone.
The light is dim.
The dogs are on the basement stairs and coming up.

Their eyeballs roll,
their blond legs burn like brush.
The poor librarian begins to stamp her feet and weep.

She does not understand.
When I get on my knees and lick her hand,
she screams.

I am a new man.
I snarl at her and bark.
I romp with joy in the bookish dark.

Mark Strand. *Selected Poems.* 1979.

El poema

vos
que leíste a Dante en fascículos
te dejaste llevar
por esos dibujitos
a los que llaman miniaturas iluminadas
y te tragaste todo
todo
de pe
a pu

pero es mentira

ese complicadero del infierno es pura macana
hecha a propósito para hacerte perder el tiempo
en calcular a qué círculo irán a dar
los huesos de tu alma

¿y sabés una cosa?
este famoso averno
es de una sencillez admirable
que no de balde su señor es astuto

llegás allí y te dicen

*sos libre
andá y hacé lo que te dé la gana.*

Susana Thenón. *Ova completa*. 1987.

Meninos eu vi

vi oswald de andrade
o pai antropófago em 49
reclinado numa cadeira de balanço
lendo o trópico de câncer de henry miller
(a rosa dos alkmin maria antonieta o mimava
enquanto ele ia esmagando com o martelo de nietzsche
contumazes cabeças de diamante)

vi ezra pound em 50
na via mameli em rapallo
(tuesday four pm ore sedici)
erguendo nas mãos o gato de gaudier-brzeska
uma forma felina que ocupava todo o espaço
de um exíguo pedaço de mármore cinza
(por essa altura o velho ez já começara a calar-se
e os olhos ruivos faiscavam na inútil
procura de punti-luminosi)

vi roman jakobson en la jolla
califórnia ano 66
(a seu lado krystina pomorska loura cabeça altiva)
passei rápido pelo teste das palavras trocadas:
v zviózdi vriézivaias ;/ 'entremeado às estrelas"
buraco negro na primeira estrofe
do poema de maiakóvski a sierguêi iessiênin
(venha ouvir krystina un poeta brasileiro
que resolveu o problema da rima às avessas
na tradução dos versos de vladimir)

convidou-me então a comer comida árabe
e foram muitas as vezes e os lugares em que nos revimos
encontros marcados por luminosas doses de vodka
(albo lapide notari - diziam os romanos)
e até mesmo uma carta
aberta
depois de ter lido as coplas de martin codax
sobre o mar de vigo

[...]

vi julio cortázar anos mais tarde
em paris rue de l'éperon
chamou-me cronópio como fazia
aos amigos
(ele cronopíssimo o maior de todos):
costumávamos comer num restaurante grego
perto do hotel du levant
na harpejante rue de la harpe
e um dia me fez entrar num de seus contos
onde me pus a transcrever de trás pra diante em língua morta
um seu soneto correção feito um zipper
(depois descreveu-me como um cachalote de barbas de netuno)

no centro extremoso do círculo
dos seus amigos brasileiros)

vi tudo isso e vi muitas outras coisas
como por exemplo na via del consolato
murilo mendes entre quadros de volpi
perguntando pela idade do serrote
e nessa mesma roma de fachadas amarelo-ovo
na trattoria del buco
ungaretti o leonardo ungaretti
(que costumava praticar com leopardi
no locutório das estrelas)
indagou-me uma vez em tom de confiança:
ci sono ancora quelle mulattine a san paolo?
(não havia mulatinha nenhuma- era só
explicou-me depois o paulo emílio -
a fantasia turbinosa do poeta)

mas vi tudo isso
tudo isso e mais aquilo
e tenho agora direito a uma certa ciência
e a uma certa impaciência
por isso não me mandem manuscritos datiloscritos telescritos
porque sei que a filosofia não é para os jovens
e a poesia (para mim) vai ficando cada vez mais parecida
com a filosofia
e já que tudo afinal é névoa-nada
e o meu tempo (consideremos) pode ser pouco
e só consegui traduzir até agora uns duzentos e setenta versos
do primeiro capítulo da Iliada
a há ainda a vontade mal-contida
de aprender árabe e iorubá
e a necessidade de reunir todas as forças disponíveis
para resistir a mefisto e não vender a alma
e ficar firme
em posição de lótus
enquanto todos esses recados ambíguos (digo: vida)
caem na secretária eletrônica

Haroldo de Campos. *Crisantempo*. 1998.

um dia
a gente ia ser homero
a obra nada menos que uma iliada

depois
a barra pesando
dava pra ser aí um rimbaud
um ungaretti um fernando pessoa qualquer
um lorca um éluard um ginsberg

por fim
acabamos o pequeno poeta de província
que sempre fomos
por trás de tantas máscaras
que o tempo tratou como a flores.

Paulo Leminski. *Toda Poesia*. 2013.

The Tradition

Aster. Nasturtium. Delphinium. We thought
Fingers in dirt meant it was our dirt, learning
Names in heat, in elements classical
Philosophers said could change us. *Stargazer.*
Foxglove. Summer seemed to bloom against the will
Of the sun, which news reports claimed flamed hotter
On this planet than when our dead fathers
Wiped sweat from their necks. *Cosmos. Baby's Breath.*
Men like me and my brothers filmed what we
Planted for proof we existed before
Too late, sped the video to see blossoms
Brought in seconds, colors you expect in poems
Where the world ends, everything cut down.
John Crawford. Eric Garner. Mike Brown.

Jericho Brown. *The Tradition*. 2019.